

LINHAS DE FUGA

ALDO TAVARES

Bergson

No domingo passado, debrucei meus olhos sobre páginas da larga janela “A evolução criadora”, de Henri Bergson, para admirar o que é movimento vital. Em 1907, publicou-se na França essa belíssima obra e, após 57 anos, em 1964, as [traduzidas] palavras do filósofo francês foram aportadas em nossas livrarias – até hoje, muito... muito... pouco lidas.

Imagem criada com a IA Seedream



Bergson permanece desconhecido, quem sabe, por ser abstrato, mas não creio, porque, em “Ciência da lógica: 1. a doutrina do ser”, embora Hegel seja muito abstrato, propaga-se pelos corredores de História e de Sociologia que a dialética é oposição e síntese, ou seja, o movimento pensado por Hegel é verdadeiro, e o de Bergson permanece ignorado ou, se ainda muito pouco lido, fixa-se como muito mal compreendido ou nem entendido.

Diferente de Bergson, Hegel não pensa o movimento vital ou no vegetal, ou na ameba, ou no animal, afirmando o movimento como oposição entre ser e não-ser, enquanto Bergson pensa o movimento entre ser-e-não-ser, o que ele chama de duração, estando, portanto, entre dois signos contrários ou no meio deles, não havendo, pois, dualismo entre ser e não-ser. Bergson leu Platão para além de Hegel.

Em virtude desse pensamento bergsoniano, não há oposição entre ser e não-ser, muito menos síntese, dado que não há oposição entre ser e não-ser, quer dizer, se o não-ser é o ser, tal fluxo, o qual só pode ser contínuo, é movimento que acontece entre ser-e-não-ser. Entre signos desiguais, Bergson pensa o movimento vital. Esse [inter]valo, o entre, não diz respeito a Hegel, e sim, como oposição, as extremidades ser e não-ser.

O entre escapa à filosofia de Hegel, porque, embora “o não-ser” seja “o ser”, não há “o ser” e não há “o não-ser”, o que significa não poder identificar por haver apenas passagem, o instável, o que não pode ser nomeado, e Hegel ainda está preso à identidade, à medida.

Em 2020, o mundo experimentou a potência de phýsis, isto é, a potência do movimento vital, mas não a velocidade absoluta, e sim em um grau do tipo viral. Essa velocidade desorganizou as cidades do mundo, pois, sem poder saber “o-que-é”, sem poder nomeá-lo [em razão de sua velocidade], não podia identificá-lo, porque o vírus, sendo o mesmo, sempre era outro, sem deixar de ser ele mesmo: o-não-ser-é-o-ser.

Por causa do grau de velocidade, a ciência identificou a natureza viral e encontrou o caminho para a vacina. O movimento hegeliano é falso movimento. Não há oposição... nem síntese.



Os atores da Cia. de Arte Popular, que forma talentos cênicos da Baixada Fluminense há quase três décadas, se apresentam no Teatro Léa Garcia

Palco que não envelhece

Referência teatral na Baixada Fluminense, Cia. de Arte Popular celebra 27 anos de resistência com novo espetáculo

Quando a cortina sobe, não é apenas um espetáculo que começa. É a celebração de uma história construída ao longo de quase três décadas. A Cia. de Arte Popular, um dos coletivos teatrais mais longevos do estado, chega ao Teatro Léa Garcia com “De Repente 27”, montagem que revisita sua trajetória e reafirma o teatro como território de resistência. Após temporada pela Baixada Fluminense e interior, o grupo desembarca no Centro sob direção de Vinícius Baião, drama-

turgo premiado com o Shell.

Eve Penha, atriz com mais de 50 anos de carreira e atualmente no elenco de “Dona de Mim”, resume sua relação com o palco. “Desde menina sonhei em ser atriz, e Deus colocou diante de mim um professor que já trilhava esse caminho. Desde então, nunca parei. O palco é minha morada”. Aos 70 anos, ela mantém a mesma entrega de sempre. “O que me move é a continuidade. A arte não tem idade. Tem entrega”, afirma.

Francisco Farnum, que retorna à quinta temporada de “Arcanjo Renegado” no Globoplay, celebra a trajetória com o grupo. “Fazer parte dessa história é uma honra imensa. Foi a partir dessa trajetória que outros caminhos se abriram — do cinema à TV”. Com participações em “Os Quatro da Candelária” e “(IN)Vulneráveis”, ele reconhece a importância do grupo. “A Cia. me deu base, ética e chão. O teatro é uma escola permanente. É

daqui que vem a força para chegar no set de filmagem com verdade”, comenta.

Nancy Calixto, no ar em “Vale Tudo”, é outra a celebrar o momento profissional. “Entrar nesse mundo das telas, telinhas e telonas tem sido uma experiência nova e incrível. Durante anos achamos que o audiovisual era uma realidade distante, e agora tudo está acontecendo de forma tão intensa”, destaca.

O diretor Vinícius Baião resume a proposta do espetáculo. “Mais do que resistir, a Cia. de Arte Popular mostra que envelhecer em cena é continuar em movimento”.

SERVIÇO

DE REPENTE 27

Teatro Léa Garcia (Centro Cultural dos Correios - Rua Visconde de Itaboraí, nº 20) Até 1/11, quintas e sextas (19h), sábados (17h e 19h) Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)